

# Demandas e Contextos da Educação no Século XXI 2

Karina Durau  
(Organizadora)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Karina Durau  
(Organizadora)

# Demandas e Contextos da Educação no Século XXI 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D371 Demandas e contextos da educação no século XXI 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Karina Durau. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Demandas e Contextos da Educação no Século XXI; v. 2)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-083-4  
DOI 10.22533/at.ed.834190402

1. Educação. 2. Ensino superior – Brasil. I. Durau, Karina.  
CDD 378.81

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A obra “Demandas e contextos da educação no século XXI” apresenta um conjunto de 62 artigos organizados em dois volumes, de publicação da Atena Editora, que abordam temáticas contemporâneas sobre a educação no contexto deste século nos vários cenários do Brasil. No primeiro volume são apresentados textos que englobam aspectos da Educação Básica e, no segundo volume, aspectos do Ensino Superior.

Práticas pedagógicas significativas, avaliação, formação de professores e uso de novas tecnologias ainda se constituem como principais desafios na educação contemporânea. São tarefas desafiadoras, porém que atraem muitos pesquisadores, professores e estudantes que buscam discutir esses temas e demonstram em suas pesquisas que o conhecimento sobre todos os aspectos que envolvem os processos de ensino e de aprendizagem na Educação Básica e no Ensino Superior requerem uma prática pedagógica reflexiva. Muitas pesquisas indicam que cada grupo de docentes e discentes, em seus contextos social e cultural, revelam suas necessidades e demandam uma reelaboração sobre concepções e práticas pedagógicas para os processos de ensino e de aprendizagem.

Nessa perspectiva, o volume I desta obra é dedicado aos pesquisadores, professores e estudantes que se aplicam aos estudos de toda a complexidade que envolve os processos de ensino e de aprendizagem da Educação Básica, incluindo reflexões sobre políticas públicas voltadas para a educação, práticas pedagógicas, formação inicial e continuada de professores, avaliação e o uso de novas tecnologias na educação.

Já o volume II é dedicado aos pesquisadores, professores e estudantes que se interessam pelas demandas do Ensino Superior, como a relação entre a teoria e a prática em diversos cursos de graduação, seus processos de avaliação e o uso de tecnologias nesse nível da educação.

Assim esperamos que esta obra possa contribuir para a reflexão sobre as demandas e contextos educacionais brasileiros com vistas à superação de desafios por meio dos processos de ensino e de aprendizagem significativos a partir da (re) organização do trabalho pedagógico na Educação Básica e no Ensino Superior.

Karina Durau  
(Organizadora)

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INTRODUÇÃO DO REGIME UNIVERSITÁRIO COMO REGRA BÁSICA DE ORGANIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: UMA ANÁLISE LEGAL, HISTÓRICA E EDUCACIONAL	
Edelcio José Stroparo Eduardo José Ramalho Stroparo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8341904021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>18</b>
SOB AS ORDENS DA IGREJA: AS AÇÕES DE DOM LUCIANO JOSÉ CABRAL DUARTE NA CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO GINÁSIO DE APLICAÇÃO DE SERGIPE (1960-1965)	
Ane Rose de Jesus Santos Maciel Danilo Mota de Jesus Josefa Eliana Souza Patrícia de Sousa Nunes Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8341904022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>34</b>
PARTICIPAÇÃO COMO ESTRATÉGIA UNIVERSITÁRIA NA PERSPECTIVA DE UMA SOCIEDADE MULTIDIMENSIONAL	
Fabiana Pinto de Almeida Bizarria Mônica Mota Tassigny Flávia Lorene Sampaio Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8341904023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>54</b>
DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR E TECNOLOGIAS DIGITAIS: POSSÍVEIS CAMINHOS	
Vicente de Paulo Morais Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8341904024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>62</b>
O ENSINO DE ODONTOLOGIA NA AMÉRICA DO SÉCULO XIX	
Danilo Mota de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8341904025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>72</b>
A EVOLUÇÃO DO ENSINO FARMACÊUTICO NO BRASIL: IMPORTÂNCIA DA CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL E EFETIVA ATUAÇÃO NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE	
Viviane Cecília Kessler Nunes Deuschle Gabriela Bonfanti Azzolin Josiane Woutheres Bortolotto Regis Augusto Norbert Deuschle Rita Leal Sperotto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8341904026</b>	



**CAPÍTULO 7 ..... 84**

PERFIL DOS ALUNOS DE UMA DISCIPLINA EM PROMOÇÃO DA SAÚDE NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – BRASIL

Mariana Gomes Lourenço Simões  
André Ribeiro da Silva  
Jítone Leônidas Soares  
Cássio Murilo Alves Costa  
Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza  
Eldernan dos Santos Dias  
Guilherme Lins de Magalhães  
Jônatas de França Barros

**DOI 10.22533/at.ed.8341904027**

**CAPÍTULO 8 ..... 93**

A COMISSÃO DE SANEAMENTO E PROFILAXIA RURAL DA PARAÍBA: OS LIMITES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO

Silvera Vieira de Araújo

**DOI 10.22533/at.ed.8341904028**

**CAPÍTULO 9 ..... 105**

EDUCAÇÃO PROBLEMATIZADORA NA CULTURA DA SEGURANÇA DO PACIENTE: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tereza Natália Bezerra de Lima  
Joelma Laurentino Martins de Souza  
Maria Eduarda Lima de Carvalho  
Márcia Andréa Albuquerque Santos de Mendonça  
Nathália Santos de Mendonça

**DOI 10.22533/at.ed.8341904029**

**CAPÍTULO 10 ..... 112**

A TRANSIÇÃO DAS MULHERES TRANSEXUAIS NA PERSPECTIVA DA ENFERMAGEM

Janaina Pinto Janini  
Rosangela da Silva Santos

**DOI 10.22533/at.ed.83419040210**

**CAPÍTULO 11 ..... 128**

O APOIO PSICOLÓGICO EM UMA UNIDADE DE HEMODIÁLISE

Aline Rosa da Costa  
Lucas de Moura Lima  
Maurício Campos

**DOI 10.22533/at.ed.83419040211**

**CAPÍTULO 12 ..... 134**

PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS DE PACIENTES SUBMETIDOS A HEMODIÁLISE

Aline Alves Fernandes  
Rayrane Clarah Chaveiro Moraes  
Renata Alessandra Evangelista  
Alexandre de Assis Bueno

**DOI 10.22533/at.ed.83419040212**

**CAPÍTULO 13 ..... 141**

O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS: A PRODUÇÃO EM DISSERTAÇÕES E TESES

Laerty Garcia de Sousa Cabral  
Monique Gonçalves Alves  
Rosely Cabette Barbosa Alves  
Paulo César Geggio

**DOI 10.22533/at.ed.83419040213**

**CAPÍTULO 14 ..... 154**

O ESTADO DO CONHECIMENTO SOBRE O ENSINO DE CIÊNCIAS: A PRODUÇÃO EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS

Monique Gonçalves Alves  
Laerty Garcia de Sousa Cabral  
Rosely Cabette Barbosa Alves  
Paulo César Geggio  
Fátima dos Santos Silva

**DOI 10.22533/at.ed.83419040214**

**CAPÍTULO 15 ..... 164**

EXTRAÇÃO E ANÁLISE DO ÓLEO ESSENCIAL DE *PROTIUM HEPTAPHYLLUM*: UM RECURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO DE QUÍMICA ORGÂNICA

Sidney Gonçalo de Lima  
Eduard David Simões Mourão  
Beatriz da Silva Rodrigues  
Giovanna Morghanna Barbosa do Nascimento  
Josieli Lima da Silva  
Wanessa Sales de Almeida  
Luciana Nobre de Abreu Ferreira  
Francisco Eroni Paz Santos

**DOI 10.22533/at.ed.83419040215**

**CAPÍTULO 16 ..... 176**

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO III: UMA VIVÊNCIA POSITIVA COM APICULTORES DA CIDADE DE JAGUARARI

Ruth Lêdja da Silva Ferreira de Araújo  
Calixto Júnior de Souza  
Ester Doanni da Silva Ferreira Dias  
Andrezza Tuanny Martins da Silva  
Maria Muritiba de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.83419040216**

**CAPÍTULO 17 ..... 180**

OS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS DA CADEIA PRODUTIVA DO SETOR AUTOMOTIVO DO SUDESTE GOIANO

Sara da Costa Fernandes  
Vagner Rosalem  
Euclides Fernandes dos Reis  
Márcio do Carmo Boareto  
Vanessa Bitencourth dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.83419040217**

<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>193</b>
LOGOS - CADERNO DE ESTUDOS E EXERCÍCIOS DE LÓGICA DO AMBIENTE DE ENSINO HERÁCLITO	
Fabiane Flores Penteado Galafassi Cristiano Galafassi João Carlos Gluz Rosa Maria Vicari	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83419040218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>205</b>
A CULTURA DE MASSA E A ARTE EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Edilmar Marcelino Ana Beatriz Buoso Marcelino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83419040219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>219</b>
ENSINO DE ANTROPOLOGIA E A HUMANIZAÇÃO ANTROPOLÓGICA: OS DESDOBRAMENTOS EDUCATIVOS NOS ESTUDO DAS DIFERENÇAS CULTURAIS	
Ivan Penteado Dourado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83419040220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>239</b>
O NÚCLEO DE PRÁTICAS JURÍDICAS DO CURSO DE DIREITO DA UNICRUZ COMO UMA FERRAMENTA DE ENSINO DA PRÁTICA PROCESSUAL: POSSIBILITANDO O ACESSO À JUSTIÇA DA COMUNIDADE CARENTE	
Jéssica Reis Silvano Barbosa Vanessa Mastella Soares Raquel Buzatti Souto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83419040221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>246</b>
AGÊNCIAS REGULADORAS E GOVERNANÇA REGULATÓRIA AMPLIANDO REFLEXÕES PARA AVALIAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS	
Flavine Meghy Metne Mendes Alcides Fernando Gussi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83419040222</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>263</b>
A GESTÃO DE RISCOS DE DESASTRES SOCIONATURAIS NA PERSPECTIVA DA ENGENHARIA DE RESILIÊNCIA	
Andréa Jaeger Foresti Luiz Antônio Bressani Cornélia Eckert Luiz Carlos Pinto da Silva Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83419040223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>281</b>
A CONTRIBUIÇÃO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS	
Edla Maria Gordiano Chagas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83419040224</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>289</b>



## A CULTURA DE MASSA E A ARTE EDUCAÇÃO BRASILEIRA

### Edilmar Marcelino

Graduado em Odontologia, Ciências Biológicas e Filosofia. Doutorando em Biotecnologia, com Mestrados, MBAs e Especializações nas áreas de Saúde, Educação e Administração, atuando na gestão de saúde do trabalhador em empresas, entidades e sindicatos. Desenvolve projetos de pesquisa na área de Biotecnologia.

### Ana Beatriz Buoso Marcelino

Mestre em Comunicação (Unesp). Especialização em Educomunicação, EAD e Novas Tecnologias, Educação especial e inclusiva, Gestão escolar e em Arte-educação (Unesp). Graduação em Pedagogia e Artes Visuais (Unesp). Atua como coordenadora da Área de Arte na Secretaria de Educação do Município de Bauru, SP e como docente na rede estadual de ensino. Pesquisadora integrante do grupo ARTEDUC (Unesp) na área da Arte-Educação. Experiência nas áreas: arte, educação, comunicação e novas tecnologias.

**RESUMO:** O presente texto, de caráter teórico-crítico, pauta-se no âmbito da educação e sua relação com os Meios de Comunicação de Massa (*mass media*), sobretudo aos fenômenos eliciados pela Indústria Cultural em vista da Arte como disciplina precursora de inferência, análise e ação. O processo de estudo resume-se na análise comparativa das teorias implantadas pelos estudiosos da

escola de Frankfurt, exprimindo ideias sobre as influências exercidas pela cultura de massa na Arte e seu ensino. Contudo, tais esferas são apontadas como efetivas difusoras de ações, argumentando-se sobre suas importâncias para a formação de alunos críticos e leitores de mundo, além de propor reflexões para a superação de tal problemática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte, Educação, Indústria Cultural, Cultura de Massa.

**ABSTRACT:** This study theoretical and critical nature, is guided in education and its relation to the Mass Media, especially the phenomena elicited by the cultural industry in view art as a precursor discipline inference, analysis and action. The study process is summarized in the comparative analysis of theories deployed by scholars of the Frankfurt School, expressing ideas about the influences exerted by the mass culture in art and teaching. However, these spheres are identified as enabling effective actions, arguing over their importance for the formation of critical students and world readers, and propose reflections to overcome such problems.

**KEYWORDS:** Arts Education; Cultural Industry; Mass Culture.

## INTRODUÇÃO

A presente abordagem é norteadada pelo questionamento e análise das imersões geridas pela Indústria cultural sobre o ensino de arte, atingindo diretamente na formação crítica dos alunos e, por conseguinte, das esferas que os englobam: cultural, social e política, comprometendo assim a elaboração de seu senso crítico e suas atuações como cidadãos e construtores histórico-culturais.

Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin, pensadores da Escola de Frankfurt, abordam sobre o tema e elucidam as questões pertinentes sobre as influências exercidas pelos meios de comunicação de massa e seus mecanismos perniciosos na formação cultural dos sujeitos, atuando com ênfase sobre o processo educativo sobretudo à Arte e seu ensino. Suas ideias são articuladas e analisadas pelos estudiosos Umberto Eco, Rainer Rochlitz e Hans Robert Jauss, que apontam questionamentos pertinentes às teorias formuladas pelos frankfurtianos.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar, comparar e validar as proposições desses pensadores para esclarecer a influência exercida pela Indústria Cultural sobre a arte e a educação, apontando ideias que elucidam este processo, definindo e argumentando sobre sua atuação no contexto contemporâneo.

Entretanto, justifica-se esta pertinência temática pela necessidade de se educar para a formação cultural dos sujeitos, com ressalvo para a problemática da força persuasiva exercida pelos mecanismos perniciosos da Indústria Cultural e seu poder de manipulação sobre as mentes ingênuas. Moran (1990) justifica este conceito ao apontar que

compreender melhor os Meios de Comunicação e os processos de comunicação torna-se indispensável para se passar de uma consciência ingênua, que não questiona os Meios, para uma consciência crítica, que supere os preconceitos existentes e capte a complexidade de dimensões envolvidas. (p 21).

Assim, sublinha-se a real necessidade de se educar o olhar para os meios de comunicação de massa através do ensino de arte, que mesmo comprometido com suas intervenções, tem em seu corpo recursos que, se bem planejados, podem apontar soluções para a superação desta problemática, apostando na formação de cidadãos críticos, questionadores e reflexivos, legítimos construtores culturais.

Através do método de revisão e análise crítica bibliográfica, são apontados estudiosos do ensino de arte como Ana Mae Barbosa, Anamelia Bueno Buoro e Fernando Hernández que propõe soluções práticas através da Arte Educação para solucionar a formação do olhar crítico do leitor, apoiando-se nas linhas teóricas da Proposta Triangular do Ensino da Arte, Semiótica, Estética da Recepção e Cultura Visual. Tais autores apostam em projetos transdisciplinares, e elevam a Arte como disciplina fundamental para a formação de sujeitos críticos perante a cultura e seu universo de significações.

## ARTE EDUCAÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL

O ensino de arte na contemporaneidade é caracterizado pelas influências exercidas por vários fatores que o tornam diverso e pluralizado. Dessa forma, em meio a este universo de significações, cabe ao professor mediar ações educativas propositoras de reflexão, de modo a capacitar seus alunos a identificar, discernir e organizar informações de forma crítica, para assim apostar na formação de leitores de mundo competentes.

Um dos principais fatores que se destaca negativamente, por sua eficaz capacidade de persuasão, são os chamados Meios de Comunicação de Massa (*mass media*), incumbidos de influenciar o processo digestivo da cultura em todas as suas dimensões. Daí o alerta para a real necessidade de uma melhor compreensão de seus processos, para se passar de uma consciência ingênua, que não questiona os Meios, para uma consciência crítica, que supere os preconceitos existentes e capte a complexidade das dimensões envolvidas.

Moran (1991) argumenta sobre a importância da inserção e participação dos meios de comunicação na escola como pauta de estudo e análise, propondo reflexões e argumentos sobre esta problemática, ao colocar o que considera ‘poderosa influência’ dos Meios na cultura, exprime o caráter de reflexão, recriação e atuação dos mesmos “que se torna importante socialmente tanto ao nível dos acontecimentos (processo de informação) como do imaginário (são os grandes contadores de histórias)” (p. 21), e afirma que desempenham também um importante papel educativo, considerando-os, na prática, uma segunda escola, paralela à convencional: “Os Meios são processos eficientes de educação informal, porque ensinam de forma atraente e voluntária” (p. 21). O autor, entretanto, argumenta que cabe à escola ‘repensar urgentemente’ sua relação com os Meios de Comunicação, procurando evidenciá-los de maneira pedagógica, apostando em uma educação diversificada, pautada no senso crítico do aluno. Ele aponta também para a valorização da comunicação dentro da proposta pedagógica da instituição de ensino, como um processo mais amplo dentre todos os outros componentes curriculares, de forma a promover uma consolidação mais participativa entre os mesmos, visando a construção de uma sociedade respaldada em democracia.

Assim, como “meios de motivação” o autor aborda propostas e soluções práticas para o uso dos Meios em sala de aula, inerentes à construção do saber, sugerindo como instrumentos pedagógicos meios impressos, o rádio, a televisão, o cinema, etc., que acoplados a uma fundamentação escrita e explicativa, resultam em atividades práticas como: confecção de programas audiovisuais, slides, gravações sonoras, ou qualquer outro produto que recrie os próprios Meios:

Essas novas formas de pesquisa, de produção, de expressão conferem um novo

dinamismo à relação Escola – Meios de Comunicação, superando a dicotomia escrita-audiovisual, pois ambos são antagônicos, devem ser praticados. Os alunos se motivam muito mais, sem dúvida, com qualquer proposta de expressão audiovisual. (MORIN, 1990, p. 23)

Também como conteúdo de ensino, os Meios segundo Moran são passíveis da educação formal como peça chave do professor para ajudá-lo no desenvolvimento da tarefa de se obter uma visão totalitária do conjunto, como propriamente julga “educar para uma visão mais crítica” (Moran, 2000, p 24).

## CULTURA DE MASSA E INDÚSTRIA CULTURAL

O termo *Cultura de Massa*, oriundo das pautas dos críticos modernos do século XX, aparece entrelaçado à ideia de *Indústria Cultural* e permeiam significações voltadas aos diversos fenômenos decorridos dos amplos avanços tecnológicos da sociedade moderna, em particular dos diversos modos de produção em sintonia com a sociedade industrial e o Sistema Capitalista, que realçados pelos *mass media*, inferem diretamente no ser social, a questão da individualidade, a ética, a política, os próprios sistemas de comunicação e sobretudo a Cultura, a Arte e a Estética, conforme nos apontam os teóricos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1985).

Ao delimitar tal fenômeno os autores descrevem que o processo da Indústria Cultural tornou duvidosas as “livres criações do espírito”, atingindo diretamente a Arte, que por sua vez torna a ser ameaçada por efeitos de substituição, já que tudo se transforma em mercadoria, e conseqüentemente, produto para o consumo. Ao aprofundar esses argumentos, eles colocam em xeque as premissas deste processo que segundo Adorno havia se tornado uma “ideologia para as massas”. “Reiterar, firmar e reforçar” a mentalidade das massas era a meta ideológica priori e imutável da Indústria Cultural.

Adorno (1964 *apud* Cohn, 1971) levanta a suspeita de que a ideologia da Indústria Cultural anestesiou a atitude de ação e persuasão do sujeito, que indefeso às “artimanhas midiáticas” torna-se o objeto de sua ação, conferindo assim, efeitos de imediatismo calculado à autonomia dos produtos, que por sua vez possui eficácia comprovada. Assim, o sujeito/objeto coagido é peça de confiança à mercê dos detentores do poder, que via processual tornam a distância social cada vez maior entre as classes.

Dessa forma, a legitimidade da Arte fica comprometida, ao gerar uma distinção radical entre a arte popular produzida pela Cultura de Massa que a define, através de produtos adaptados para o consumo das massas que por sua vez, é determinado:

A indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. Ela força a união dos domínios, separados há milênios da arte superior e da arte inferior. Com o prejuízo de ambos. A arte superior se vê frustrada de sua seriedade pela especulação sobre o efeito; a inferior perde, através de sua domesticação

Dentro da Arte Educação, um bom exemplo desse fenômeno reflete-se no repertório artístico escolhido pelos alunos, sejam músicas, filmes ou mesmo representações, que traduzem a arte como mercadoria, em destaque à questão da formação do gosto, apatia e alienação, que conforme a proposição de atividades em aula, reagem timidamente, com dificuldades sobretudo à leitura visual das imagens e sua interpretação de significados, com baixo (ou até nulo) nível de criticidade. O grande desafio do arte educador na contemporaneidade é, entretanto, mediar ações educativas que evidenciem a superação do conformismo generalizado que se instaurou na escola, questionando-se a imposição de gostos, padrões, normas e leis que assolam o senso comum.

Tais informações, segundo Adorno são pobres, fúteis e dão a falsa sensação de abastamento, repercutindo em comportamentos conformistas e a ilusão de uma vida verdadeira, gerando o processo de uma dialética negada, onde o indivíduo aceita sem defesa o “imperativo categórico” da Indústria Cultural, negando a sua própria liberdade de ação: “o sistema da indústria cultural reorienta as massas, não permite quase a evasão e impõe sem cessar os esquemas de seu comportamento” (p 294), impedindo a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente, muito comum no perfil dos alunos durante as aulas de arte.

Eco (2004), entretanto, aponta argumentos positivos e negativos para com a Indústria Cultural, o que chama de “defesa” e “acusação” da cultura de massa, colocando outro ponto de vista sobre o fenômeno da Indústria Cultural, apontando não só os efeitos negativos que Adorno defendia, mas também os positivos.

A *defesa*, conforme supõe, coloca pontos de relevância para a análise do fenômeno. O autor destaca que os *mass media*, em sua natureza podem incitar estímulos à inteligência (mentes mais críticas), o que denomina “mutação qualitativa”. Também a cultura local, segundo Eco seria valorizada a partir da premissa que “a homogeneização do gosto [...] contribuiria para unificar as sensibilidades nacionais, e desenvolveria funções de descongestionamento anticolonialista em muitas partes do globo” (p. 47). E a divulgação de conceitos seria estimulada e passível de aquisição, por valores mais acessíveis, ampliando os repertórios de valores estéticos e culturais, explicitados em “dimensões macroscópicas”. A sensibilização do homem contemporâneo, segundo o autor seria elucidada pelo acervo de informações e o seu nível de acesso, tornando-o mais participativo e sensível da vida associada. Por fim, coloca o fenômeno da intensa renovação estilística, precursora de novas linguagens, promovendo o desenvolvimento.

Todavia Eco propõe em *acusações* que a questão da originalidade é afetada pelas “médias de gostos”, repercutindo em uma “cultura de tipo homogênea” interferindo por sua vez nas características culturais de cada etnia, originando o fenômeno da

massificação. Em sintonia com essa premissa, afirma que o processo de “embotação” denota ao indivíduo a falsa sensação de aprendizagem e abastamento, que incôscio de si “sofre as propostas sem saber que as sofre” (p. 40). A secularização do gosto e sensibilização promíscua também seriam afetadas pela Indústria Cultural, totalizando e homogeneizando a cultura. Influi também no sentir, no pensar, segundo um processo de fruição profundamente inferido por sensações prontas e premeditadas.

Eco, entretanto, confere à Indústria Cultural o caráter prolixo, como instância que reafirma o pensamento em opiniões comuns, gerindo uma “ação socialmente conservadora”, conforme aponta:

...como o instrumento educativo típico de uma sociedade de fundo paternalista mas, na superfície individualista e democrática, e substancialmente tendente a produzir modelos humanos heterodirigidos., (...) usada para fins de controle e planificação das consciências (...) e como controle das massas. (p. 42-43)

Dessa forma, através do apontamento de Eco, o arte-educador deve nortear seu trabalho focando não apenas os aspectos negativos do repertório de seu aluno, mas extraíndo dele as qualidades, valorizando a legitimação de seu âmbito cultural, seus saberes artísticos e culturais mais preciosos, e portanto, trabalhar a partir deles, levantando proposições que estimulem a formação crítica e reflexiva, ajustando a autoconfiança e a autoestima dos mesmos, elevando a diversidade como parte integrante da pluralidade cultural.

Dentro deste contexto, Benjamin (1975) descreve considerações sobre a autenticidade da obra de arte, em consonância aos efeitos de reprodução dos Meios, questionando a presença da *aura* (instância de primeira natureza da obra de arte) nas reproduções técnicas da Indústria Cultural. O autor argumenta que a arte em sua legitimidade torna-se ameaçada pelos efeitos massificadores, sendo passível de uma fruição promíscua, permissiva do desenlace histórico-cultural, já que:

...as técnicas de reprodução destacam o objeto reproduzido do domínio da tradição [e] substituem por um fenômeno de massa um evento que não se produziu senão uma vez [levando ao] abalo da tradição, o que é a contraface da crise que atravessa atualmente a humanidade e de sua atual renovação [que] se mostra em estreita correlação com os movimentos de massa, que hoje se produzem. (p. 211-212)

À *aura* define como a “única aparição de uma realidade longínqua, por mais próxima que ela possa estar” (p 214) e argumenta com a fórmula espaço e tempo como “valor cultural da obra de arte”. Em anteparo à natureza da arte afirma a característica das massas em investir na perda da *aura*, ao tender para o consumo de proximidade conforme relação espacial e humana, acolhendo às reproduções propostas e depreciando “o caráter daquilo que só é dado uma vez”. Optam pela quantidade à qualidade. Isso também se traduz no repertório dos alunos que esboçam preconceito



ao ouvir música erudita, ou ao assistir um espetáculo de dança contemporânea, ou mesmo de valorizar e entender as artes visuais na contemporaneidade. Benjamin nos justifica propondo que

A massa é uma matriz de onde brota, atualmente, todo um conjunto de novas atitudes em face à obra de arte. A quantidade tornou-se qualidade. O crescimento maciço do número de participantes transformou seu modo de participação. Que esta participação apareça inicialmente sob forma depreciativa, é algo que não deve absolutamente enganar o observador do processo. (p. 234)

Um olhar ético *versus* um olhar estético, é pauta de discussão de Jorge Coli (2000), que argumenta sobre a necessidade de clarividência dos sujeitos fruidores da arte. Segundo o autor, olhar para um objeto artístico significa descobrir algo novo, descobrindo-se, portanto em si, através da leitura visual da arte, daí a importância do professor de arte como mediador da experiência estética, esta, relatada por Jauss (2002), que postula a Teoria Estética da Recepção, ao considerar sobre o que define “efeitos da arte” discursados pelos *mass media*. Segundo o autor a obra de arte como produto é objetivado, hábil através do espaço e tempo produzido, de desenvolver *in actu* a práxis histórica e social.

Jauss aponta para o problema de como fruir um produto da arte em momentos históricos distintos, consolidando a experiência estética como particular do repertório de cada espectador e não apenas privilégio dos especialistas. Voltando-se a Adorno como o sujeito de *deslegitimação* da arte moderna e contemporânea, Jauss posiciona-se como apologista da experiência estética (desacreditada pelo teórico da Indústria Cultural), argumentando que:

A teoria de Adorno (...) despertou (...) o preconceito de que a arte de uma elite cultural cada vez maior, diante da multidão crescente de consumidores da indústria cultural, não tem mais salvação. Mas o contraste entre uma arte de vanguarda, apenas voltada para a reflexão, e uma produção do mass media, apenas voltada para o consumo, de modo algum faz justiça à situação atual. (...) Tampouco está provado que a experiência estética, tanto da arte contemporânea quanto da arte do passado, que, pelo mass media, já não só atinge uma camada culta, mas se abre para um círculo de destinatários até hoje nunca alcançado, deva inevitavelmente degenerar numa relação consumista e corroboradora do status quo. (p. 52)

Assim, justifica-se a necessidade do arte-educador em prover seus alunos de questionamentos reflexivos sobre esse processo de massificação, valorizando suas percepções pessoais, encorajando-os a argumentar e analisar coletivamente as opiniões críticas pessoais de cada um.

Entretanto, Jauss também analisa a sujeição da arte a produtos mercadológicos apontando para o questionamento da essência, conforme coloca:

... a produção e reprodução da arte, mesmo sob as condições da sociedade industrial, não consegue determinar a recepção: a recepção da arte não é apenas

um consumo passivo, mas sim uma atividade estética, pendente da aprovação e da recusa, e por isso, em grande parte não sujeita ao planejamento mercadológico. (...) para sair do suposto 'contexto de enfeitamento' total da práxis estética contemporânea, restaura-se, sem se dizer, a obra de arte revestida de aura e sua contemplação solitária, como medida estética de uma essencialidade perdida. (p. 52)

Ao justificar a recepção estética – contraditória a Adorno e Benjamin – Jauss coloca a tríade criação-comunicação-recepção como funções da linguagem e aponta o controle por parte do receptor que vai permitir a possibilidade de viver a experiência estética, passando pela sensação de domínio da situação, justificando sua teoria da prática consensual da qual irá proferir o espectador, ao determinar uma escala de valores que filtra e define a práxis da experimentação, permitindo adesão ou rejeição estética.

Também entidades da pragmática da comunicação humana, movidas por um processo contínuo incluindo o subconsciente, de classificação humana, atitudes como dedução, indução e analogia são tomadas a todo momento, sem que se possa refreá-las. Dessa forma, fomenta a recepção estética da Arte passível de impermeabilidade relativa ao *status quo*, da qual a arte educação deve se apoiar, pelas vértices de seu caráter democrático em busca da autonomia, peça de ação para o caminho de uma educação do olhar dos sujeitos, investindo contudo na formação de cidadão mais perceptivos, perspicazes e críticos ante aos subsídios intrincados pelos *mass media*.

## PERSPECTIVAS DA ARTE EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Dentro destas imersões providas pela Indústria Cultural, Buoro (2002) evidencia soluções na Arte Educação para solucionar a formação do olhar crítico do leitor, através da leitura de textos visuais dos quais apresentam as imagens artísticas, apoiando-se na Semiótica na metodologia pedagógica da Proposta Triangular do Ensino da Arte: o apreciar, o fazer, o contextualizar:

A presença da obra de arte possui, na vida do sujeito leitor, várias possibilidades e manifestação. Um olhar sensível e aberto, (...) é capaz de captar ainda que intuitivamente os sentidos que a obra de arte lhe disponibiliza. Ante aos processos de massificação que as culturas imprimem ao homem urbano contemporâneo, vetando-lhe a capacidade de ver o mundo com nitidez, a construção de um leitor dependerá do resgate realizado no contexto de um trabalho sistemático e embasado de educação do olhar. (p. 237)

A autora afirma que a educação do olhar é permissiva de uma interação mais satisfatória do indivíduo com o meio o qual está inserido, e norteadas por um trabalho pedagógico respaldado em leitura de imagens da arte, é passível de aguçar o olhar do educando e sua percepção visual, confluindo maior capacitação para o desenvolvimento do senso crítico e sensível, inerentes ao ser humano, conforme as condições do atual contexto político-sócio-cultural.

Buoro ressalta a importância da construção de leitores da imagem visual, operando no campo da sensibilização para aquisição de competências, em busca da mobilização de um olhar mais significativo sobre imagens da pintura e sobre o mundo como imagem. Dessa forma, aponta a necessidade de se educar o olhar desde a educação infantil, possibilitando atividades de leitura, para que além do fascínio das cores, das formas, dos ritmos, possa-se compreender o modo como a gramática visual se estrutura, e pensar criticamente sobre as imagens, que não deve ser associada à simples ação pedagógica, estratégia prevista em planejamentos e inserida no quadro de ensino da arte de forma quase mecânica e burocrática. Ressalva também a necessidade de uma reciclagem contínua do profissional, eliciando ações não permissivas de transgressões quanto à atitude pedagógica, o que determina ‘processo de conscientização e formação do professor’.

Hernández (2000), entretanto, explana sobre a Cultura Visual acrescentando soluções práticas do Ensino de Arte em ação transdisciplinar e íntegra na escola, como disciplina fundamental para a formação de sujeitos críticos perante a mesma e seu universo de significações. O autor justifica a Arte na educação como instrumento de formação da percepção crítica ante aos mecanismos de manipulação dos Meios, assim como meta a ser superada enquanto conteúdo disciplinar, apoiando-se à constante que determina as ideias em renovação e à mudança das representações que atinge os indivíduos, sugerindo uma proposta que ultrapasse o domínio da disciplina como mera provedora de “habilidades manuais ou tecnológicas, aproximações formalistas de caráter essencialista, ou propostas didáticas baseadas num conhecimento sem contexto” (p. 10):

O universo do visual é, na atualidade, como sempre foi, mediador de valores culturais (não nos esqueçamos [...] que as referências estéticas e artísticas também são construídas socialmente). Mas o visual é hoje mais plural, onipresente e persuasivo que nunca. As relações dos indivíduos, de maneira especial dos meninos, das meninas e dos adolescentes, com esse universo não conhece limites disciplinares e institucionais. (p. 10-11)

Assim, Hernández eleva a Arte ao caráter de ‘múltiplas direções’, posicionando o artista como eliciador de ‘histórias compartilhadas’, à medida que ‘move a coisa latente’ ao contar sua história, dialogando com a experiência do espectador. Dessa forma, a Arte como disciplina repensada e reformulada é passível de direcionar atitudes superativistas. O autor elege os Meios de Comunicação – em ressalvo à televisão - como educadores privilegiados pelo público, ilustrando o cinema como mediadores das representações da realidade ‘jogando’ com o universo do sensível; a publicidade como vendedora das ‘representações ideais do eu’, amplificando identidades inexistentes; e a Internet permissiva da substituição do real pelo virtual “possibilitando a construção de identidades inventadas e ocasionais e aproximando-se de lugares que expandem ou dispersam a própria ideia de informação e de conhecimento” (p. 11).

Contudo, o autor reafirma a necessidade de uma resposta educativa à altura, passível não só de introduzir uma ‘noção de cultura visual’, mas também incitando uma atitude por parte da educação, elevando os projetos como solução eficiente, salvo a despreensão de se limitar aos “interesses corporativistas dos especialistas, em que as relações entre ideologia, valores e práticas sociais, propostas educativas e construções da identidade (individual, de grupo e nacional) estão presentes de maneira meridiana” (p. 9), conforme elucida a arte na educação em anteparo ao problema de sua ‘posição de relevante marginalizada’ como:

Um campo digno onde é possível organizar sem excessivas pressões, propostas transdisciplinares, a partir de problemas que vão além de uma disciplina e que são reflexos das mudanças que se estão produzindo na sociedade. Mas que, sobretudo, permitem interpretar o presente a partir do conhecimento do passado e vincular as experiências educativas com as representações da realidade que constroem de si mesmos e do meio, com a pressão dos meios e da indústria do consumo na maioria dos casos, os meninos, as meninas e os adolescentes. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 9)

Coloca a proposta como norteadora de caminhos que podem solucionar a situação, permissiva da quebra de paradigmas impostos, consolidando a arte como instrumento legitimador do processo em educação para a cultura visual, embora assuma que:

... a dúvida, a incerteza e a curiosidade são necessárias para continuar enfrentando os desafios que a educação apresenta hoje àqueles que consideram que a escola (desde a primeira infância à universidade) pode oferecer uma potência de emancipação e de melhor conhecimento de si mesmo e de transformação do mundo. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 13)

O autor entretanto, conclui que “a compreensão da cultura visual pode contribuir para realizá-lo.” (p. 13). O processo de superação desta realidade pode ser respaldado por tentativas de ação e inferência ante ao duto fenomenológico do qual compõe seu corpo através de estudos que apostem num método mais participativo de pesquisa, investindo na resolução não só de dados ou resultados, mas sobretudo, de um entendimento no que compete ao processo como superação, para assim, investir numa possível transformação do social.

A arte-educação, contudo, é pouco valorizada ou reconhecida, porém importante instrumento de mudança. Os mantenedores do poder pouco estão interessados em mentes críticas, ou leitores de mundo, conforme passível do ensino da arte. Barbosa (1991) chama a atenção para esta questão:

Sonegação de informação das elites para as classes populares é uma constante no Brasil, onde a maioria dos poderosos e até alguns educadores acham que esta estória de criatividade é para criança rica. Segundo eles, os pobres precisam somente de aprender a ler, a escrever e contar. O que eles não dizem, mas só sabemos, é que, assim, estes pobres serão mais facilmente manipulados. (p 37)

A atual cultura brasileira, apoiada e cada vez mais difundida através dos Meios, caracteriza-se por dois fenômenos: o da democratização e o da permissividade, o qual se resume pelo fácil acesso aos bens comunicativos, facilitando a divulgação da informação, esta de baixa qualidade cultural já que a grande massa receptora concentra-se nas classes inferiores, ratificando as ideias eliciadas por Eco (2004). O Brasil como um país subdesenvolvido, precursor de um nível de escolaridade considerado baixo e caracterizado pela predominância da pobreza e a miséria, designa uma população mais vulnerável à má influência da mídia, aumentando satisfatoriamente a ignorância e a capacidade de discernimento dos indivíduos, facilitando assim a presença de governantes corruptos e de má fé, principalmente nas regiões em que o número de miseráveis apresenta-se alarmante, substituindo-se uma tentativa de melhoria à realidade desses indivíduos.

Contudo, pouco se investe na gestão democrática da informação através pelos Meios. O desenvolvimento da consciência crítica através da educação, portanto, se faz jus, para que indivíduo construa desde cedo, de forma sistematizada seu modo de olhar e perceber o mundo. Educar para ler as imagens, educar para o mundo, este é também função do educador artístico que, deve usar das próprias imagens como propiciadoras do aprendizado. “Ler, observar, interpretar as imagens”, devem ser atitudes privilegiadas na didática do mesmo. Considerar imagens do mundo interno, externo e culturais (incluindo-se a arte), é fundamental a esta proposta pedagógica, segundo elucida Buoro (2002). Construir leitores sensíveis para o mundo é um dos papéis principais do educador artístico, pois com o um olhar educado e perspicaz, o educando é capaz de interagir sensivelmente na sintaxe do mundo, repercutindo em melhor integração e compreensão do mesmo, conforme coloca a autora:

Uma das funções centrais do ensino da arte na escola deveria ser esta: a de construir leitores sensíveis e competentes para continuar se construindo, adquirindo autonomia e domínio do processo, fazendo aflorar, desse modo, ao toque do próprio olhar, uma sensibilidade de ser-estar-viver no mundo. (p. 63)

Barbosa (1991) também considera a arte com passível de transformação, segundo afirma que:

O que a arte na escola pretende principalmente é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte [...] a escola seria a instituição pública que pode tomar o acesso à arte possível para a vasta maioria de estudantes em nossa nação [...] A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos. (p 38)

A estética, contudo, deve integrar-se como formação do indivíduo, propiciando-o ao entendimento da gramática visual e a reflexão acerca das imagens em contexto

geral, ou seja, ler o mundo. A autora chama a atenção:

Num país onde os políticos ganham eleições através de televisão, a alfabetização para a leitura da imagem é fundamental e a leitura da imagem artística, humanizadora. Humanização é o que precisamos nossas instituições entregues aos predadores políticos profissionais que temos tido no poder nos últimos trinta anos. (p. 38)

Contudo, devido a essas imersões providas pela Indústria Cultural, o ensino de arte torna-se abduzido. Em sala de aula, pode-se identificar a força exercida pelo apelo estético, que se instaura ante como uma estratégia mercadológica, com o intuito de promover o produto, seduzindo o consumidor, aquém à transmissão do conhecimento através da cultura artística (mesmo que o faça a sua maneira), pernecendo as ações dos alunos, minimizando-se a possibilidade suprema do processo frutivo, restringindo a estética da recepção, defendida por Jaus (2003), reiterada por Benjamin (1975) em relação à questão da aura e a reprodução em série, que perde sua essência ao interpor-se com os meios de reprodução: “Este processo tem valor de sintoma; sua significação ultrapassa o domínio da arte” (p. 211).

Os teóricos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1985) previram este quadro ao abordar a ideia de *dialética negativa* da Indústria Cultural, o qual se fundamenta sobre o poder de manipulação das massas, utilizado pelos *meios* para aniquilar as legítimas manifestações culturais do ser social, alienando e anestesiando as consciências, mecanizando o ser humano. A partir desta ideia, elucidaram um sistema que nega (ao mesmo tempo em que se afirma ideologicamente) ao homem o direito de ser e estar no mundo, sob todos os aspectos (biológico, social, intelectual, político, econômico, etc.).

Adorno (*apud* Cohn, 1971) afirma em seu discurso que “(...) as ideias de ordem (...) são aceitas sem objeção, sem análise, renunciando à dialética, mesmo quando elas não pertencem substancialmente a nenhum daqueles que estão sob a sua influência” (p. 293), traduzindo a recepção visual dos objetos da arte perante o espectador, que ao deparar-se com os mesmos, recebe-os em extasia, sem ação de resposta, como uma magia única eliciada pela Indústria Cultural.

O processo criativo e expressivo, além da construção de uma linguagem estética pessoal (*auto poiésis*) é corrompido pela imposição de gostos e padrões estéticos que a Indústria Cultural exerce nos alunos, que recheiam seus trabalhos de estereótipos e cópias de modelos veiculados pelos Meios. Evidencia-se na escola, entretanto o culto ao *Kitsch*, definido como um objeto que possui a pretensão de ser arte, utilizando-se de recursos peculiares de ludíbrio.

Segundo o dicionário da língua inglesa, Longman (1995) define o termo *kitsch* apontando para conceitos referentes à Cultura de Massa e Indústria Cultural, bem como tais pinturas em questão se caracterizam:

(...) kitsch é um objeto ou estilo que, simulando uma obra de arte, é apenas imitação



de mau gosto para desfrute de um público que alimenta a indústria cultural da cultura de consumo ou cultura de massa; atitude ou reação desse público em face de obras ou objetos com essa característica. (p 65)

Este poder da Arte através da Estética, se antepara com o poderio dos Meios, confrontando paradigmas, superando relevâncias positivas e/ou negativas de ações providas do *status quo*. A arte se salva com o tempo, renovando-se a estética, contudo, as mentes receptoras do presente fundamentar-se-ão pelo ranço da guturalização, da qual se surpreende a educação como uma das vertentes de tangência para a superação desta realidade, salvo uma visão positiva de mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar para o senso crítico através da arte educação aparece como articulação plena e o educador, por sua vez, deve dinamizar sua didática, ao sistematizar este problema, visando de forma pedagógica interagir o assunto com o educando, superando a *dialética negativa* elucidada por Adorno, para contudo, formar cidadãos conscientes e mentes críticas, capazes de transformar esta realidade, quebrando os paradigmas de um ranço sistema manipulador, assim como a vitalíssima valorização da Arte em todas as suas instâncias de compreensão e relevâncias, passíveis de promover o desenvolvimento crítico-perceptivo tão aspirantes aos indivíduos da sociedade contemporânea. Assim, institui-se esta proposição, passível de ser pensada enquanto prática do ensino de arte, cujo itinerário deve ser conduzido e mediado pelo arte-educador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BARBOSA, Ana Mae. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo, Perspectiva/Porto Alegre, Iochpe, 1991.

BENJAMIN, W. *A obra de Arte na época de suas técnicas de reprodução*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Col. Os Pensadores)

BUORO, Anamelia B. *Olhos que Pintam*. São Paulo: Cortez, 2002.

COHN, Gabriel. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: Edusp, 1971.

COLI, Jorge. *O que é Arte*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

JAUSS, Hans Robert. *A Literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LONGMAN. *Dictionary of contemporary English*. Third Edition. England: Longman dictionaries, 1995.

MORAN, José M. *Educação, Comunicação e Meios de Comunicação*. In TRUFFI, Ymair H. e FRANCO, Luiz A. C. (coordenadores). São Paulo: FDE, 1990.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-083-4

